

BRECHT: A GRANDEZA INTERNA DO STALINISMO¹

Slavoj Žižek

Quando depois da morte de Lênin, o marxismo se dividiu no marxismo soviético oficial e o marxismo chamado ocidental, ambos leram equivocadamente esta externalidade do Partido, considerando-a como a posição do conhecimento objetivo neutro – seguindo os passos de Kautsky, o marxismo soviético adotou simplesmente essa posição, enquanto os marxistas ocidentais a rejeitaram como a legitimação teórica da regra “totalitária” do Partido. Aos poucos os marxistas libertários que quiseram redimir – parcialmente, pelo menos – a Lênin, tenderam a opor ao Lênin jacobino-elitista “mau” do livro *O que fazer?*, que confiava no Partido como a elite intelectual profissional que ilumina *desde fora* a classe operária, o Lênin “bom” de *O Estado e a Revolução*, que teve a visão da abolição do Estado, o das grandes massas que tomam diretamente em suas mãos a administração dos assuntos públicos. No entanto, esta oposição tem seus limites: a premissa chave de *O Estado e a Revolução* é que não se pode “democratizar” totalmente o Estado, que o Estado “como tal”, em sua própria noção, é uma ditadura de uma classe sobre a outra; a conclusão lógica desta premissa é que, *na medida em que ainda estamos dentro da lógica do domínio do Estado*, estamos legitimados para exercer o terror violento, já que dentro deste domínio, toda democracia é uma fraude. De maneira que, como o Estado é um instrumento de opressão, não vale a pena tratar de melhorar seus aparatos: proteção da ordem legal, eleições, leis que garantam as liberdades pessoais... – tudo isso se torna irrelevante.²

O núcleo de verdade destas críticas a Lênin é que a constelação única de acontecimentos que possibilitou a tomada revolucionária do poder em outubro de 1917 não pode ser separada de seu posterior giro “stalinista”: a mesma constelação que fez possível a Revolução (o descontentamento dos

¹Tradução de André Carreira

²Uma das estratégias desesperadas para redimir o potencial utópico do Século XX é afirmar que, se o Século XX pode gerar um Mal sem precedentes (o holocausto e o gulag), proporcionou por isto mesmo uma prova negativa de que tal excesso também pode se canalizar na direção oposta, isto é, que o Bem radical é também factível... No entanto, e se está oposição for falsa? E se trata estamos falando de uma identidade mais profunda? E se o Mal radical do Século XX fosse precisamente o resultado dos esforços por realizar o Bem radical?

camponeses, uma elite revolucionária bem organizada, etc.) conduziu ao giro “stalinista” como consequência – e nisso reside propriamente a tragédia leninista. A famosa alternativa de Rosa de Luxemburgo: “socialismo ou barbárie” terminou com o julgamento infinito último, afirmando a identidade especulativa das duas condições opostas: o socialismo “realmente existente” *foi* a barbárie.

³Georgi Dimitroff, Tagebuercher 1933-1943, Berlin: Aufbau Verlag 2000.

Nos diários de Georgi Dimitroff, publicados recentemente em alemão ³, se pode ver que Stalin era totalmente consciente do que o levou ao poder, dando um giro inesperado ao seu conhecido slogan “o povo é nossa maior riqueza”. Quando em um jantar em novembro de 1937, Dimitroff comemorava a “grande sorte” dos operários do mundo por terem um líder com a genialidade de Stalin, Stalin respondeu: “... Não estou de acordo. Inclusive se expressou de uma maneira não marxista [...] O decisivo são os quadros médios” (7.11.37). Isso fica ainda mais claro um parágrafo antes quando diz: “Por que ganhamos de Trotsky e dos outros? É sabido que, depois de Lênin, Trotsky era o mais popular em nossa terra. [...] Mas nós tivemos o apoio dos quadros médios, e eles explicaram nossa visão da situação às massas... Trotsky não prestou atenção a estes quadros”. Aqui Stalin revelou o segredo de sua ascensão ao poder: como Secretário Geral nomeou dezenas de milhares de quadros, que lhe deviam suas promoções... Essa é a razão pela qual Stalin como não queria Lênin morto ainda no início de 1922, rechaçou seu pedido de que o envenenasse acabando com sua vida, depois de ficar debilitado por um ataque cardíaco: se Lênin tivesse morrido no começo de 1922, a questão da sucessão não seria resolvida a favor de Stalin, já que ele como Secretário Geral não havia penetrado ainda no aparato do Partido o suficiente com as pessoas por ele designadas – Stalin necessitava outro ano ou dois para que quando Lênin efetivamente morresse, pudesse contar com o apoio de milhares de quadros de nível médio nomeados por ele, para se impulsionar por cima dos velhos grandes nomes da “aristocracia” bolchevique.

⁴Um dos poucos historiadores preparados para confrontar esta tensão insuportável é Sheila Fitzpatrick, quem pontuou que o ano de 1928 foi um ponto de inflexão crucial, uma verdadeira segunda revolução; não uma espécie de “Thermidor” mas sim uma radicalização consequente da Revolução de Outubro. Ver Stalinism. News directions, editado por Sheila Fitzpatrick, Londo: Routledge, 2001.

Como consequência, já não se pode sustentar o ridículo jogo de se opor o terror stalinista ao “autêntico” legado leninista, traído pelo stalinismo: “Leninismo” é uma noção completamente stalinista. O gesto de projetar o potencial emancipatório utópico do stalinismo para atrás, em um tempo precedente, assinala assim a incapacidade do pensamento para suportar “a contradição absoluta”, a tensão insuportável, inerente ao próprio projeto stalinista⁴. Por tanto, é crucial distinguir o “leninismo” (enquanto núcleo autêntico do stalinismo) da prática política e ideológica fáticas do período de Lênin: a grandeza real de Lênin *não é* o que diz o mito stalinista sobre o leninismo. E o que responder à contra argumentação evidente de que

Brecht: a grandeza interna do stalinismo. Slavoj Žižek.

Dezembro 2007 - Nº 9

exatamente a mesma coisa vale para cada ideologia, inclusive a do nazismo, que também, percebido desde dentro, apresenta uma “grandeza interna” que seduziu inclusive a um filósofo excelente como Heidegger? A resposta deveria ser simplesmente *não é assim*: o ponto a sustentar é precisamente que o nazismo não contém nenhuma “grandeza interna” autêntica.

Se se quer ver a arte stalinista em sua mais pura expressão, um nome é suficiente: Brecht. Badiou tinha razão ao afirmar que

Brecht era um stalinista, sim, como deve-se fazer, se entendo-se o stalinismo como a fusão da política e a filosofia do materialismo dialético sob a jurisdição desta última. Ou precisamente dizer que Brecht praticou um platonismo stalinizado. (1998: 16)

Isto é ao que aponta em última instância o teatro “anti-aristotélico” de Brecht: um teatro Platônico no qual se permite o encanto estético de uma maneira estritamente controlada, para transmitir uma Verdade filosófico-política que é externa. O distanciamento (estranhamento) brechtiano significa que “a SEMBLANZA estética tem que se distanciar de si mesma, para que nesta brecha, a objetividade externa do Verdadeiro se mostre⁵. Assim, quando Badiou diz que o “distanciamento é um protocolo de vigilância filosófica”⁶, deve-se conferir, sem vacilações, a esse termo toda sua dimensão policial. O jogo ridículo de opor um Brecht “dissidente” ao comunismo stalinista não tem razão de ser: Brecht é o último artista “stalinista”, ele não era grande apesar de seu stalinismo, mas sim devido a ele. Realmente necessitamos provas? No final dos anos 30, Brecht comoveu aos convidados de uma festa em Nova York, afirmando sobre um acusado nos Processos de Moscou⁷: “Quanto mais inocente são, mais merecem ser fuzilados”⁸. Esta declaração deve ser tomada muito a sério e não como expressão de um sem vergonha perverso: sua premissa subjacente é que, em uma luta histórica concreta, a atitude de suposta “inocência” (“não quero sujar minhas mãos comprometendo-me na luta, apenas quero levar uma vida modesta e honrada”) encarna a culpa maior. Em nosso mundo, não fazer nada não é algo sem conseqüências, já tem um significado – significa dizer “sim” às relações existentes de dominação. Esse é o porque, a propósito dos processos, Brecht – admitindo que os métodos processamento não eram muito gentis – se fez a pergunta: é possível imaginar que um comunista honrado e sincero, que mantinha suas dúvidas sobre a política de industrialização rápida de Stalin, efetivamente terminara buscando a ajuda dos serviços secretos estrangeiros e se comprometendo em complôs terroristas contra a direção stalinista? Sua resposta foi “Sim”, e propôs uma reconstrução detalhada de seu raciocínio.

⁵Ibid.

⁶Ibid.

⁷Os processos de Moscou foram farsas jurídicas instrumentalizadas por Stalin, nos anos 30, com o fim de dizimar a velha guarda do Partido Bolchevique abrindo espaço para a consolidação do seu poder pessoal e para o aprofundamento da burocratização do Partido Comunista e do Estado soviético.

⁸Citado por Sidney Hook, *Out of Step*, New York: Dell, 1987, p.493.

Não surpreende então que, quando no caminho de sua casa ao teatro em julho de 1956, Brecht passou ao lado de uma coluna de tanques soviéticos que rodavam para o *Stalinalee* para reprimir uma rebelião de trabalhadores, os saudou com a mão e mais tarde neste dia escreveu em seu diário que, neste momento, por primeira vez em sua vida (não havendo sido nunca membro do Partido) esteve tentado a se inscrever no Partido Comunista⁹ - não é este um caso exemplar do que Alain Badiou chamou *la passion du reel*, que define o Século XX? Não é que Brecht tolerasse a crueldade da luta com a esperança de que esta trouxesse um futuro próspero: a crueza da violência presente como tal era percebida e advogada como signo de autenticidade. Para Brecht, a intervenção militar soviética contra os operários de Berlim Oriental não apontou aos operários, mas sim aos “elementos facistas organizados” que se aproveitam do descontentamento dos operários; por essa razão, ele afirmou que a intervenção soviética efetivamente preveniu uma nova guerra mundial¹⁰. Inclusive no nível pessoal Brecht “realmente gostava de Stalin”¹¹, e desenvolveu uma linha de argumentação que justificava a necessidade revolucionária da ditadura de um só indivíduo¹²; sua reação à “desestalinização” do XX Congresso do Partido Comunista Soviético de 1956 foi: “Sem o conhecimento da dialética, a passagem de Stalin como motora Stalin como obstáculo não pode ser entendida”¹³. Em resumo: no lugar de denunciar Stalin, Brecht jogou o jogo do pseudo-dialético do “o que era antes, nos anos 30, progressista, agora (nos anos 50) se converteu em obstáculo...”. Quase estaríamos tentados a ler o momento da morte de Brecht (outono de 1956, justo depois do XX Congresso do PCUS e antes do levantamento húngaro) como oportuno: a misericórdia da morte o impediu ter que confrontar toda a dor da “desestalinização”.

Se queremos compreender verdadeiramente a Brecht, devemos estudar a grande troika musical alemã stalinista: Brecht (letra), Hanns Eisler (música), Ernest Busch (execução). Para se convencer da grandeza autêntica do projeto stalinista, basta escutar uma das gravações supremas do Século XX, as *Gravações Históricas* de Hanns Eisler (Clássicos de Berlim, LC 6203), com (a maioria de) letras de Brecht e (a maioria) das canções executadas por Busch. No que talvez seja sua conquista suprema, a canção *Im Gerfaengnis zu sigen de Die Mutter*, se faz alusão diretamente à brecha entre a decomposição simbólica do oponente e sua derrota real, quando o operário Pavel preso se dirige aos que estão no poder:

*Têm códigos e regulamentos
Têm prisões e fortalezas /.../
Têm guardas e juízes
Bem pagos e dispostos a qualquer coisa.
Para quê? /.../
Antes que desapareçam, e isso ocorrerá logo,
Haverão notado que tudo era inútil
Têm jornais e gráficas*

Brecht: a grandeza interna do stalinismo. Slavoj Žižek.

Dezembro 2007 - Nº 9

⁹Ver Carola Stern, *Maenner lieben anders*. Helene Weigel und Bertolt Brecht, Reinebek Hamburg: Rowohlt 2001, p. 179.

¹⁰Bertolt Brecht, *Gesammelte Werke*, Ata 20, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1967, p. 327.

¹¹The Cambridge Companion to Brecht, edited by Peter Thomson, Cambridge: Cambridge University Press 1994, p. 162.

¹²Ver Bertolt Brecht, *Ueber die Diktaturen einzelner Menschen*, em *Schriften*, vol. 2. Frankfurt: Suhrkamp Verlag 1973, p. 300-301.

¹³Bertolt Brecht, *Gesammelte Werke*, Ata 20, p. 326.

*Para nos combater e nos manter quietos /.../
 Têm sacerdotes e professores
 Bem pagos e dispostos a qualquer coisa.
 Para quê?
 Realmente têm tanto medo da verdade?*

*Têm tanques e fuzis
 Armas Tommy e granadas de mão /.../
 Têm policiais e soldados
 Para quê?
 Realmente têm inimigos tão poderosos? /.../
 Algum dia, e esse dia virá logo,
 Verão que tudo não lhes serviu de nada ¹⁴*

A derrota real do inimigo é precedida por sua decomposição simbólica, pela súbita visão de que a luta não tem sentido, e todas as armas e ferramentas à sua disposição não servem de nada. Nisto reside a aposta principal da luta política: por razões estruturais *a priori* e não somente devido a algum cálculo errôneo contingente, o inimigo percebe erradamente as coordenadas da situação global e reúne as forças equivocadas no lugar equivocado. Dois recentes exemplos: a que apontava o aparato repressivo do Xá do Irã em 1979 quando se enfrentou com o movimento popular de Khomeini? Simplesmente se derrubou. E de que serviu a grande rede de agentes e informantes *Stasi* para a *nomenklatura* comunista da Alemanha Oriental em 1989, quando se enfrentou com os protestos massivos? Os grandes regimes opressivos nunca são derrotados em uma confrontação face a face – em certo ponto, quando o “velho verme” completa seu trabalho subterrâneo se derrubam. – Além da sublime obra prima: “*Elogio do Comunismo*” (“a mais simples, que é a mais difícil de se conseguir”), a terceira canção mais importante de *A Mãe* é *A canção do remendo e do vestido*, que começa com um retrato irônico dos filantropos que têm urgência de ajudar aos pobres:

*Quando nosso vestido está esfarrapado
 Você sempre vem correndo e diz: isto já não pode seguir assim
 Isto deve ser remediado, e por todos os meios que sejam necessários
 E, cheio de cuidado você com os amos
 Enquanto nós esperamos, nos congelando.
 E você regressa, e triunfalmente
 Nos mostra o que ganhou para a gente:
 Um remendo pequeno.*

¹⁴Bertolt Brecht, Die Mutter, Frankfurt: Suhrkamp 1980. p. 47-48.

Está bem, esse é nosso remendo

Mas, onde está

*O vestido inteiro?*¹⁵

¹⁵Ibid, p.21-22

¹⁶Como é usual, Brecht toma em prestado aqui de uma canção anterior de Busch, a Balada da Caridade, composta por Eisler em 1930, com letra de Kurt Tucholsky; o estribilho da canção dizia: "*Gut, das ist der Pfennig, und wo ist die Mark?*".

Depois de que está pergunta retórica se repete a propósito do pão (“está bem, isso é uma fatia de pão, mas onde está o pão inteiro”¹⁶), a canção acaba em uma explosão gigante de demandas (“...necessitamos a fábrica inteira, e o carvão e o ferro e o poder do Estado”) – o momento propriamente revolucionário no qual o *quid pro quo* de intercâmbios com os que estão no poder se rompe, e os revolucionários afirmam brutalmente que eles querem *tudo*, não somente uma “mera’ parte... Brecht está aqui nas antípodas de Georg Lukacs, precisamente na medida em que Lukacs, o humanista europeu “brando”, jogou o papel de “dissidente de armário”, empreendendo uma “guerra de guerrilhas” contra o stalinismo, inclusive unindo-se ao governo de Imre Nagy em 1956, pondo em perigo sua existência física. Em contraste com Lukacs, Brecht foi insuportável para o *establishment* cultural stalinista precisamente devido a sua “super-ortodoxia” – não há nenhum lugar para *A Medida Tomada* no universo cultural do stalinismo. Se o jovem Lukacs de *História e Consciência de Classe* foi o filósofo do momento histórico de Lênin, depois dos anos 30 se converteu no filósofo stalinista ideal que, por essa mesma razão, em contraste com Brecht, se perdeu a verdadeira grandeza do stalinismo.